

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

EXPLORAÇÃO ARQUEOLÓGICA NA CITÂNIA DE BRITEIROS. RELATÓRIO DA 24.^a CAMPANHA (ANO DE 1956).

CARDOSO, Mário

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Exploração Arqueológica na Citânia de Briteiros. Relatório da 24.^a campanha (ano de 1956). *Revista de Guimarães*, 66 (3-4) Jul.-Dez. 1956, p. 508-512.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Exploração arqueológica na Citânia de Briteiros

Relatório da 24.^a Campanha (ano de 1956)

POR MÁRIO CARDOZO
Director do Museu de «Martins Sarmento»

As escavações levadas a efeito no corrente ano, subsidiadas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, e por nós orientadas tènicamente, tiveram início em 1 de Outubro e terminaram em 26, preenchendo 23 dias úteis de trabalho.

Dividimos a campanha em três períodos: a primeira semana foi apenas dedicada ao corte e limpeza do mato, em toda a área das ruínas; nas duas semanas imediatas procedeu-se a novas escavações; os últimos 5 dias foram dedicados a simples restauros e consolidações de um sector das ruínas de há muito posto a descoberto, desde o tempo das prospecções de Martins Sarmento.

A zona agora escolhida para as escavações do corrente ano foi a situada na parte sul da acrópole, junto à muralha interior, entre dois grandes amontoados de terras que tinham sido removidas há cerca de 80 anos, durante as explorações sarmen-tianas (*Figs. 1 a 4*).

Esta zona, com 35 metros de comprimento por 22 de largo, ou sejam 770 metros quadrados, encontrava-se ainda intacta. A pouca profundidade foram logo postas a descoberto 3 casas redondas e uma quadrangular, do tipo comum nas ruínas castrejas, mas que foi necessário recompor em parte, por se encontrarem bastante danificadas.

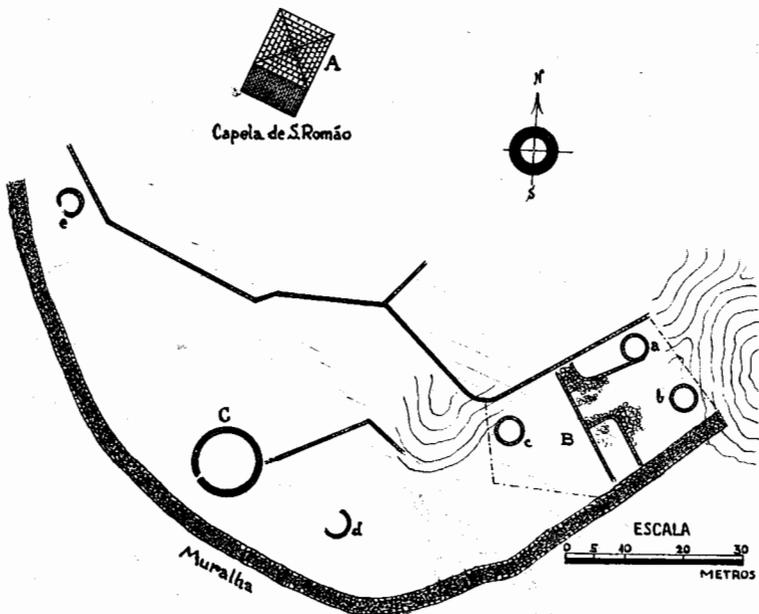


Fig. 1 — Zona (B) onde se fizeram as escavações da presente campanha.



Fig. 2 — Casas redondas e rectangulares postas a descoberto na zona B.



Fig. 3 — *Aparelhos exterior e interior de uma das casas redondas postas a descoberto.*

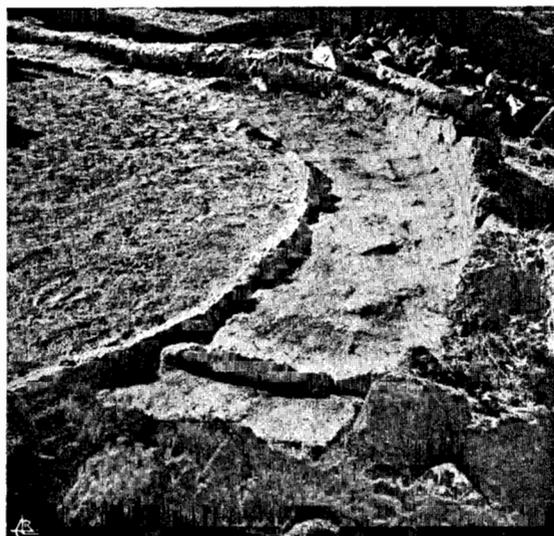


Fig. 4 — *Uma ruela calcetada, desobstruída da terra que a cobria.*

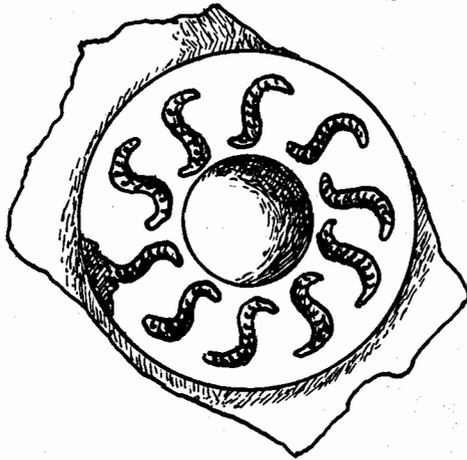
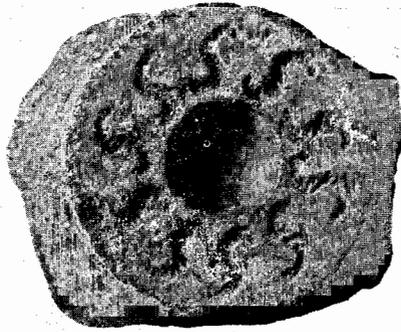


Fig. 5 — *Fundo ornamentado de uma vasilha, aparecido na escavação da zona B.*

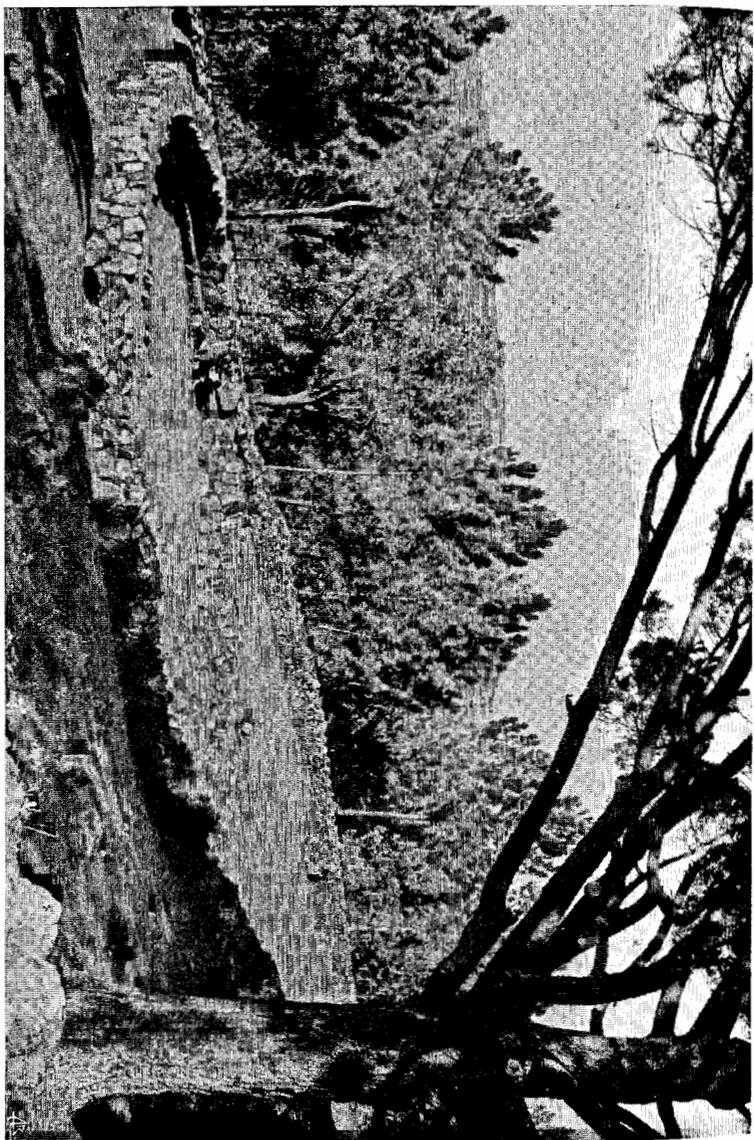


Fig. 6 — Uma grande construção circular restaurada.

(Vide planta da fig. 1 — letra C)

Cuidadosamente crivadas as terras resultantes do desaterro, recolheram-se alguns objectos, que deram entrada no Museu de «Martins Sarmento». Contudo, o espólio produzido nesta zona foi bastante escasso, em relação com os das anteriores campanhas.

Entre numerosos fragmentos de cerâmica lisa e grosseira, especialmente bordos de dólios e pedaços de telha, sem interesse particular, e de algumas das vulgares pedras de mós de moinhos de mão, que nas escavações desta Citânia aparecem com muita frequência, atestando a existência de uma cultura cerealífera, e não apenas recolectora, ou de caça e pastoreio — foram exumados os seguintes objectos:

— Diversos cossoiros de barro, um dos quais com a signa V, impressa quando o barro ainda fresco.

— Fragmentos de «terra sigillata», um deles ornamentado.

— O fundo de um vaso, muito curioso por conter uma ornamentação de SSSS feitos por meio de uma matriz ou molde impresso no barro fresco, envolvendo uma concavidade central, semi-esférica (*Fig. 5*). Este fragmento cerâmico é de particular interesse, pois em geral os fundos de quaisquer recipientes apresentam-se lisos, por se tratar da parte da base, não visível na posição natural da vasilha. Por vezes aparece neste lugar qualquer grafito ou sinal do proprietário do vaso (as chamadas «marcas de posse»), porém raras vezes ornatos.

De instrumentos metálicos recolheu-se:

— Parte de uma pinça depilatória, objecto de uso pessoal feminino, ou de aplicação cirúrgica.

— Uma pequena barra de chumbo.

— Uma ponta de lança ou de chuço, de ferro, muito deteriorada pelo seu avançado estado de oxidação.

Apareceram também duas pequenas contas de colar, de pasta vítrea, uma de côr amarela, outra azul-claro.

E ainda diversas sementes incarbonizadas, de espécies vegetais que não soubemos classificar, pelo que oportunamente solicitaremos a sua análise nos laboratórios da Estação Agronómica Nacional ou do Instituto de Agronomia, dada a muita importância do conhecimento das espécies vegetais de cada região, nas épocas pré- e proto-históricas, e sua influência na alimentação das correspondentes populações locais.

Quanto a numismas, encontraram-se apenas dois: um médio-bronze muito corroído e completamente ilegível, e uma moeda de prata, denário imperial dos começos da nossa era, do reinado de Octávio Augusto, muito bem conservado, com o seguinte cunho (Vide Cohen, 43):

Anv.) CAESAR AVGVSTVS DIVI F. PATER PATRIAE
(Cabeça laureada, à direita)

Rev.) C. L. CAESARES AVGVSTI F. COS. DESIG.
PRINC. IVVENT

(Caio e Lúcio, cada qual com uma lança e escudo. No campo o símpulo e o bordão de áugure)

E nada mais. Como se vê, o espólio recolhido nesta campanha foi muito diminuto, infelizmente. É certo que estes elementos de carácter puramente arqueológico são de um interesse bastante restrito, se os considerarmos apenas sob o ponto de vista do coleccionismo museográfico; porém, da maior importância, pelos dados que podem facultar à antropologia cultural, à etnologia e a todos os ramos da ciência que se prendem com a história do Homem, no caso presente com a dos nossos antepassados proto-históricos.

O último período desta campanha de trabalhos na Citânia de Briteiros foi ocupado como dissemos no restauro de algumas construções interessantes, que se encontravam bastante danificadas pela acção do tempo, e queurgia recompor, para não se converterem totalmente em «ruínas de ruínas».

Uma dessas construções que mereceram maiores cuidados foi o grande recinto circular, que fica situado

uns 50 metros a sul da capela de S. Romão, quase encostado à muralha interior (*Fig. 6*). É uma construção redonda, de pedra, com uma bancada corrida em toda a volta da face interna da parede, que se eleva do solo cerca de 1 metro, e tem a espessura média de 90 centímetros. O diâmetro interior desta edificação é de 11 metros, e a bancada tem a largura de 35 centímetros. É a maior construção da Citânia de Briteiros, e não conhecemos, em qualquer outro castro do norte de Portugal ou da Galiza, edifício de planta circular cujas dimensões se aproximem das de este, verdadeiramente excepcionais. Em geral as habitações castrejas redondas acusam um diâmetro que não excede 4 a 5 metros, no máximo.

Quanto à finalidade desta grande construção de Briteiros, a que por ironia se tem chamado «praça de touros» (pequena de mais para isso), seria também a de simples habitação? Ou apenas um recinto fechado e sem cobertura, talvez com um grande roble no centro, destinado às reuniões dos maiores do povoado, para deliberarem sobre assuntos de interesse comunitário, uma espécie de conselho de governo? Ou um local destinado a quaisquer rituais de carácter religioso, da índole dos que se praticariam nos monumentos megalíticos britânicos conhecidos pela designação de «Stonehenges», aliás de uma época muito mais remota que a da nossa Citânia? Ou, finalmente, um simples local destinado a certos jogos ou diversões?

A bancada interior, de pedra, em toda a volta da parede, sugere aquela passagem da *Geografia* de Estrabão (L. III, c. 3, n. 7) que nos diz que os montanhesees do norte da Hispânia — galaicos, ástures, cântabros e bascos — comiam «sentados em bancos construídos à roda das paredes, reunidos segundo as idades e categorias, e faziam circular os alimentos de mão em mão». E que (continua Estrabão) enquanto bebiam uma espécie de cerveja chamada «zythos», pois o vinho escasseava e era consumido apenas nos grandes festins familiares, os homens dançavam ao som das flautas e trombetas, dando grandes saltos e caindo sobre os joelhos flectidos, semelhando, como lembra o Prof. Garcia y

Bellido, erudito comentarista do texto estraboniano, certas «figuras» coreográficas dos actuais bailados russos. E acrescenta ainda o escritor grego: «Na Bastetânia (região na parte oriental da Península, na antiga Província Cartaginense) as mulheres bailam de mãos dadas com os homens».

Seja como for (e perdoem-nos esta digressão através da conhecida *Geografia* de Estrabão), a curiosa edificação da Citânia a que nos estamos referindo mereceu a nossa particular atenção, entre as demais construções que se tornava urgente proteger.

Deste modo, e com o oportuno subsídio que anualmente vem sendo concedido à Sociedade pela Ex.^{ma} Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, tem-se continuado a defender e a conservar as famosas ruínas de Briteiros, que celebrizaram o Nome de um dos maiores investigadores portugueses do último quartel do século passado, o vimaranense Dr. Francisco Martins Sarmiento, e que tanto interesse despertam sempre, quer a estudiosos, quer a simples turistas, pela grande lição que encerram do nosso longínquo passado.